

Quaero e a expressão da volição¹

Laís Lagreca de Carvalho*
Fernanda Cunha Sousa**

RESUMO: Nosso objetivo é pesquisar se haveria usos de *quaero* que justificassem a expressão da volição através de seu sucessor morfofonológico “querer”. Para isso, analisaremos morfossintaticamente as ocorrências de *quaero* na obra de Cícero, *Ad Atticum*, a partir da teoria funcionalista, a fim de comparar essa pesquisa à análise sobre *uolo*. Pretendemos, assim, nas próximas etapas, traçar possíveis contextos frasais que teriam propiciado a competição entre esses verbos na expressão da volição e o apagamento de *uolo*, na passagem do latim para o português e para o espanhol.

Palavras-chave: morfossintaxe; Cícero; verbos.

Introdução

O verbo “querer”, usado em português e em espanhol para indicar volição, tem origem no verbo latino *quaero* que, de acordo com Saraiva, podia representar em latim os sentidos de “buscar, procurar, andar a cata de, em busca de, aspirar a, desejar.” (SARAIVA, 2006, p. 988). É importante observar que, ainda que o renomado dicionário da Língua Latina traga “desejar” como um sentido possível para esse verbo, o contato com textos latinos e suas traduções nos leva a pensar que a preferência desse campo semântico no latim clássico parece ser do verbo *uolo* que, conforme o mesmo dicionário nos diz, pode significar “querer, consentir [...] desejar, ter tenção de [...]” (p. 1288). Além disso, diversos materiais, como dicionários e gramáticas, não fazem referência ao verbo *quaero* como um dos *uerba uoluntatis*, apesar de dar a volição como possível de ser expressa por tal verbo.

Deparamo-nos com uma questão que diz respeito à razão de ambas as línguas neolatinas terem adotado essa forma verbal para indicar o sentido que, no latim clássico, era fortemente reproduzido pelo verbo *uolo*.

É sabido que as línguas neolatinas se desenvolveram a partir do latim vulgar, do qual temos pouquíssimos registros. Todavia, é importante ressaltar que, entre as línguas neolatinas, *uolo* só não chegou como forma verbal ao português e ao espanhol, mas deixou para essas línguas influência em outras classes de palavras como, por exemplo, vontade, volúpia; *voluntad*, *volupia*. Essa constatação nos leva a alguns possíveis questionamentos que movem a nossa pesquisa: investigar se *quaero* teria sofrido alguma mudança de uso ao longo do tempo e o que teria feito com que *uolo* desaparecesse e *quaero* o suplantasse na passagem do latim para o português e para o espanhol.

¹ Esta pesquisa contou com o apoio da Pró-Reitora de Pós-Graduação e Pesquisa (PROPP) da Universidade Federal de Juiz de Fora por meio de bolsa de pesquisa.

* Graduanda em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora (laislagreca@gmail.com)

** Doutora em Letras Linguística pela Universidade Federal de Juiz de Fora (fernanda.cunha@ufjf.edu.br)

1. Metodologia

O presente trabalho lança mão de uma perspectiva da linguística de cunho funcionalista e, por essa razão, as análises são pautadas nos usos encontrados.

A primeira etapa do trabalho está voltada para uma revisão bibliográfica, na qual buscamos informações sobre o verbo *quaero* ao longo da história da língua latina em textos descritivos, dicionários e gramáticas, além de textos investigativos, ainda que desses últimos pouco esteja à disposição.

A segunda parte do trabalho é composta por análises das ocorrências e do comportamento morfossintático do verbo *quaero*. O gênero escolhido para essa análise foi o epistolar, tendo em vista que, de acordo com Henderson (1982), as cartas, apesar de serem um gênero com bastante variação, em geral, apresentam um “espaço íntimo”, promovendo uma espécie de “conversa”, que, além de facilitar a comunicação entre o escritor e o destinatário, gera o sentido do leitor externo. Nesse sentido, o autor escolhido foi Cícero, representando o latim clássico, em sua obra *Ad Atticum*.

Em virtude do pouco tempo disponível para o trabalho², optamos por partir, nesta fase da pesquisa, de uma tradução já disponível da obra como suporte, mas isso não nos impede de fazer inserções e, muitas vezes, discordar parcialmente de algumas das opções adotadas pelo tradutor da obra e propor outras opções de tradução, embora não seja nosso objetivo principal discutir questões teóricas pertinentes à teoria da tradução.

A análise das ocorrências de *quaero* em *Ad Atticum* é qualitativa, porém uma análise quantitativa simples será utilizada como suporte.

Por se tratar de uma pesquisa em andamento, a análise desenvolvida neste trabalho será retomada e comparada às demais etapas de análise de dados em próximos trabalhos a fim de se fazer um estudo comparativo com o verbo *uolo*, na mesma obra. Pretendemos, assim, contribuir para o entendimento da expressão da volição nos verbos latinos.

2. Revisão bibliográfica

De acordo com reflexões realizadas nos nossos estudos, como Ernout e Meillet, que afirmam que *quaero* “representa um antigo **quaiso*; cf. *quaeso*, desiderativo (oriundo de **quais-so*)” (ERNOUT e MEILLET, 1951, p. 991), e Ernesto Faria, que classifica “*quaeso*, antigo desiderativo de *quaero*” (FARIA, 1958, pp. 227-228), somos levadas a pensar que o sentido de volição, de desejo, sempre esteve ligado ao verbo *quaero* e que, possivelmente, se manteve latente ao longo da história da língua latina, em vez de surgir somente quando, por alguma razão, o verbo *uolo* é perdido nas duas línguas neorromânicas indicadas.

No levantamento feito em gramáticas como Faria (1958), Fernández (1985) e Almeida (2011[s/d]), não encontramos referência a *quaero* como um verbo volitivo, ao passo que *uolo* aparece frequentemente descrito entre esses verbos. Porém, *quaeso* é considerado, como vimos, por Ernout e Meillet e por Faria, um antigo desiderativo de *quaero*, ou seja, em um estágio anterior de língua, esse verbo já apresentava a noção volitiva em sua forma antecessora. Além dessas duas referências ao verbo *quaeso*, Vaconcellos (2013) elenca, dentre os verbos volitivos, o verbo *quaeso*, reforçando, assim, o sentido de volição ligado a esse antigo desiderativo de *quaero*, demonstrando que *quaero* não ganha um sentido de volição tardiamente, mas parece sempre tê-lo mantido, ao menos em latência, ao longo do tempo.

² Trata-se de trabalho de iniciação à pesquisa na graduação com duração de um ano, prorrogável por mais um.

Defendemos, portanto, que *quaero* sempre esteve vinculado a um sentido de volição, o que, somado a fatores a serem posteriormente considerados neste trabalho, fez com que fosse gradativamente ganhando força como volitivo concomitantemente ao enfraquecimento de *uolo*, até que este, por sua vez, tenha sido totalmente suplantado na passagem do romance para o português e para o espanhol.

Ao tratarmos de uma transição que, possivelmente, ocorreu na passagem do latim vulgar para o romance, deparamo-nos com a difícil tarefa de documentar tal alteração, tendo em vista que, segundo Gonçalo Neves (2014), os primeiros documentos galego-portugueses e castelhanos (entre o século XII e início do XIII) já apresentam a forma verbal “querer” com o sentido atribuído frequentemente a *uolo*. Esse mesmo autor traz, em uma página da *web* intitulada “Ciberdúvidas da Língua Portuguesa”, um espaço dedicado à história do verbo “querer”, com exemplo de dois documentos reveladores.

No primeiro documento, *Glosas Silenses*³, datado de finais do século XI, pode-se observar um feito interessante por parte do copista: *secum retinere uoluerit: consico kisieret tenere*. A partir desse exemplo, Gonçalo chama atenção para o fato de o copista ter julgado necessário escrever a forma *uoluerit*, de *uolo*, substituindo-a pela forma correspondente, advinda de *quaero*, sendo grafada com *k*.

No segundo documento, datado de 1076, do Foro de Sepúlvida, Gonçalo destaca uma coocorrência muito interessante: *Omnis miles qui uoluerit bene buscare de senior [...] uadat a quale sênior quaeserit [...]*. Nessa sentença, coocorrem os verbos *uolo* e *quaero* e ambos suscitam o sentido de volição, conforme podemos visualizar também na tradução: Todo soldado que quiser buscar um senhor [...] que vá ao encontro do senhor que quiser [...]⁴.

Desse modo, é possível pensar que o verbo *quaero*, utilizado pelos falantes dessa época, tenha, em algum momento, compartilhado um contexto morfossintático com *uolo* e apresentado semântica próxima a de *uolo* e, devido ao fato de este ter passado por acomodações fonéticas (cf. ANGUITA, 2010) que teriam gerado incômodos, aquele foi eleito para ocupar a função de verbo volitivo que por tanto tempo foi registrada, predominantemente, por estudiosos do latim clássico, com a forma verbal *uolo*.

De acordo com José Anguita (2010), o desaparecimento de *uolo*, verificado nas línguas romances do oeste da Península Ibérica, ocorreu devido a uma evolução fonética ocorrida entre os séculos IX e XI. Anguita afirma ainda que esse processo diz respeito a um fenômeno exclusivo dessa área geográfica, o qual é considerado um dos traços distintivos do galego-português: a perda do –l– intervocálico. O autor reforça que não há como saber se tal perda afetou o verbo como o conhecemos em sua conjugação clássica (*uolo-uis-uelle-uolui*) ou ao arquétipo⁵ (*uoleo-uoles-uolere-uolui-uolitum*), do qual evoluíram todos seus descendentes romanos, do catalão ao romeno (ANGUITA, 2010). Porém, segundo Anguita, mesmo atingindo uma ou outra forma,

o verbo teria ficado gravemente afetado pela queda do –l– intervocálico, fosse pela pura desfiguração formal decorrida da perda de um importante elemento

³ Segundo Gonçalo Neves, *Glosas Silenses* são um acervo de comentários em língua romance peninsular em que copistas medievais escreviam nas margens do texto latino, a fim de esclarecer termos ou expressões que pudessem gerar dúvidas.

⁴ Tradução de nossa responsabilidade.

⁵ Protótipo do verbo *uolo*, a partir do qual teriam evoluído formas verbais que se mantiveram nas línguas neorromânicas.

constitutivo da sua raiz, fosse pela ruptura da homogeneidade do seu paradigma, fosse pela combinação dos dois fatores.⁶ (ANGUITA, 2010, p. 336)

Mesmo considerando a perda do *-l-* o fator de maior peso para o desaparecimento de *uolo*, o autor apresenta outros fatores que contribuíram para esse acontecimento linguístico: o betacismo⁷ que atingiu o seu fonema inicial (passando de /v/ a /b/) e a perda do *-n-* intervocálico, contemporânea à perda do *-l-*, gerando indesejadas assonâncias ou até mesmo homofonias com formas derivadas de *uelle/uolere* (ANGUITA, 2010).

José Anguita ressalta, ainda, possíveis contra-argumentos para essas considerações, tais como: “há outros verbos galego-portugueses que foram submetidos a alterações semelhantes às do descendente de *uelle-uolēre*, sem que isso tenha afetado sua sobrevivência (*voar, moer*)”⁸. Mas o autor contesta essa arguição apoiado na importância funcional de um verbo como *uolo*, a qual torna menos provável que se tolerem incômodos oriundos de seu emprego. Dessa forma, para Anguita, devido à impossibilidade de se evitar inconvenientes do uso de *uolo*, nesse contexto, opta-se pela eliminação dessa forma verbal e sua substituição por uma forma com sentido próximo à da anterior: *quaero*. O autor ressalta ainda que essas razões levantadas por sua hipótese para explicar o desaparecimento de *uolo* servem para o galego-português, mas não para o castelhano-leonês, que não sofreu com o desaparecimento do *-l-* e do *-n-* intervocálicos, (*volar* vs. *voar*; *luna* vs. *lua*), justificando a eleição de *quaero* como volitivo em detrimento de *uolo* pela proximidade territorial e pelo intenso contato linguístico entre as duas regiões.

Para José Anguita, então, o verbo *uolo* desapareceu, fazendo com que fosse necessária uma redistribuição de funções entre os verbos com sentido de “tentar conseguir”, os quais são: *uolo* (querer); *quaero* (buscar); *posco* (pedir) e *peto* (tentar obter), de modo que *quaero* tenha sido eleito para ocupar o lugar tão importante de *uolo*. Com relação ao suplantamento de *uolo* por *quaero*, diferentemente do que pensa Anguita, acreditamos que esse processo não tenha ocorrido devido ao desaparecimento de *uolo*, isto é, pensamos que *uolo* não tenha desaparecido para, então, *quaero* tomar seu lugar de verbo volitivo, mas que a presença de determinados contextos em que tanto um verbo quanto o outro pudessem ocorrer tenha propiciado uma competição. Essa competição, por sua vez, somada às acomodações fonéticas sofridas por *uolo*, permitiu que *quaero* ganhasse força como o principal verbo de volição no português e no espanhol, retomando sua volição latente desde a origem em *quaiso*.

Na tarefa de encontrar dados sobre o sentido de volição relacionado ao verbo *quaero*, deparamo-nos com uma página da internet, na qual há um espaço para discussões etimológicas, entre as quais há uma discussão sobre o verbo “querer”⁹. Nessa página, os autores podem assinar as postagens através de pseudônimos e para fazer ou ler comentários o usuário precisa cadastrar-se na página. Essas informações são

⁶ No original: “el verbo habría quedado gravemente afectado por la caída de *-l-* intervocálica, bien por la pura desfiguración formal sobrevenida por la pérdida de un importante elemento constitutivo de su raíz, bien por la ruptura de la homogeneidad de su paradigma, bien por ambas causas combinadas.” (ANGUITA, 2010, p. 336). As traduções são de nossa responsabilidade.

⁷ Segundo Alonso (1962 apud ANGUITA, 2010), esse fenômeno consiste basicamente na confusão das antigas semiconsoantes labiovelares *u-* [w] e a oclusiva bilabial sonora [b] em um som intermediário, bilabial fricativo [β].

⁸ No original: “hay otros verbos gallego-portugueses que se han visto sometidos a alteraciones semejantes a las del descendiente de *uelle-volēre*, sin que esto haya afectado a su supervivencia (*voar, moer*).” (ANGUITA, p. 337). As traduções são de nossa responsabilidade

⁹ Disponível em: www.dechile.net

relevantes, devido ao fato de a leitura sobre a etimologia do verbo “querer” ter nos levado ao contato de uma autora, que assina como “Helena”, via e-mail, em que ela se apresentou como Elena Pingarrón Seco¹⁰, professora de latim, e teceu comentários relevantes sobre o que pensa a respeito da desapareção de *uolo* e da passagem de “querer” à posição de verbo volitivo mais comum em português e em espanhol.

Elena Seco (2015) acredita que não se passa em latim da ideia de “perguntar”, conforme defendido por Corominas, filólogo catalão (apud SECO, 2015), à ideia de “desejar”, mas o contrário, pois ela afirma que o verbo *quaero* em latim não tem o sentido original de “perguntar”, e sim o de “buscar”, “pretender”, “tentar conseguir”, o que defende ser uma ideia muito próxima ou idêntica a do atual “querer”, o que a aproxima de nossa hipótese. A professora sustenta que, dessa acepção semântica do verbo, aos poucos surge o valor secundário de “informar”, atribuindo ao uso jurídico a criação do sentido de “perguntar”. Para Seco (2015), Corominas (apud SECO, 2015) não percebe que os sentidos de *quaero* relacionados a “perguntar” e “investigar” fazem parte de usos cultistas e técnicos da língua, os quais não atingiram contextos mais informais, conservando nesses meios o valor de “buscar” e “pretender”.

Nesse sentido, Elena Seco, via e-mail, faz referência à hipótese de Anguita sobre o porquê de *quaero* ter tomado o lugar de *uolo* (o desaparecimento de *uolo* gera uma reacomodação entre os verbos de “tentar conseguir”), discordando do autor no seguinte sentido: para Elena Seco, o aparecimento de um novo verbo, “buscar”, seja conforme pensa Anguita, advindo de *poscere*, ou tendo tido uma entrada estrangeira, fez com que o sistema dos verbos de “tentar conseguir” fosse desequilibrado, pois ele teria substituído *quaero* (usado com sentido de buscar) que, por sua vez, passou a competir com *uolo*, mantendo sua proposta próxima ao que temos identificado em nossas pesquisas.

Chama-nos atenção o fato de Seco pensar em uma competição entre *uolo* e *quaero*, a qual defendemos por acreditar na latência do sentido de volição em *quaero*. E, além disso, Elena Seco levanta outro ponto que tende a corroborar com o sentido de volição presente em *quaero*. De acordo com a autora, *quaero* teria originariamente uma raiz *quaes-*, que devido ao rotacismo, fenômeno fonético do latim do séc. IV a.C., em que a consoante “s” simples intervocálica passa a “r”, de modo que a consoante “s” original só se conserva nas formas em que é seguida por consoante (*quaerere* x *quaestio*) e nas formas derivadas do supino *quaesitum* (como inquisição e *inquisición*), formado mais tardiamente a partir de um desiderativo *quaesso*, não afetado pelo rotacismo.

Com base nessas observações feitas pela professora, voltamos às afirmações feitas por Ernout e Meillet (1951) e Faria (1958) de que *quaero* tem um antigo desiderativo *quaeso* e nos perguntamos se, de fato, *quaeso* e *quaero* representariam dois verbos independentes ou se a tradição gramatical teria, por razões diversas, tratado como verbos diferentes formas verbais que, na verdade, seriam continuação uma da outra.

Nesse sentido, acreditamos que as acomodações fonéticas pelas quais Anguita (2010) defende ter passado *uolo* tenham contribuído para abrir espaço para um maior uso de *quaero*, que já trazia latente um sentido de volição, fazendo com que se fortalecesse como volitivo e suplantasse *uolo*. Sendo assim, discordamos de Anguita

¹⁰ Licenciada em Línguas Clássicas (latim e grego); História Antiga e Arqueologia, pela universidade de Valência, na Espanha, com a qual tivemos contato a partir de uma página da internet, na qual há um espaço para discussões etimológicas, entre as quais há uma discussão sobre o verbo “querer”. A leitura dessa página nos levou a fazer contato com a autora via e-mail, em que ela teceu comentários muito relevantes sobre o tema, os quais utilizamos neste trabalho.

com relação ao processo da tomada de lugar de *quaero* como volitivo, pois acreditamos que essa tomada de posição tenha se dado de forma gradativa, propiciada por um enfraquecimento de *uolo* e não pelo desaparecimento deste para, então, a eleição de *quaero* como o novo volitivo.

Para comprovar essa hipótese, evocamos alguns princípios da linguística funcional moderna para nos auxiliar, a saber, a teoria da gramaticalização¹¹ e da motivação em competição¹². Segundo Dias (2010), as orações matrizes nas construções subjetivas podem apresentar tanto o processo de gramaticalização quanto as motivações em competição. Em nossos dados, *uolo* e *quaero* aparecem sempre ligados, de uma forma ou de outra, às noções de vontade e desejo/futuridade; o que nos leva a pensar que esses dois verbos estariam em processo de competição pela expressão da volição, que mais tarde seria prototipicamente expressa por “querer” nas línguas portuguesa e espanhola.

De acordo com Furtado da Cunha (2001), a gramática de uma língua natural é dinâmica e maleável, adaptando-se a pressões internas e externas, que continuamente interagem e se confrontam. Assim, a gramática pode ser vista como um conjunto de convenções resultantes de motivações de natureza distinta, em que sobressaem as pressões de uso. A gramática de qualquer língua exhibe padrões morfossintáticos estáveis, sistematizados pelo uso, ao lado de mecanismos de codificação emergentes, cujos princípios motivadores buscamos descrever. O surgimento de novas estruturas morfossintáticas é motivado por fatores de natureza comunicativa e cognitiva. Assim, a competição entre motivações distintas é responsável, em princípio, pelos processos de variação e mudança que ocorrem nas línguas naturais.

Segundo Hopper & Traugott (1993), o neogramático alemão Gabelentz (1891) foi um dos primeiros a sugerir que a gramaticalização é o resultado de duas tendências em competição, uma voltada para a facilidade de articulação do som, a outra em direção à manutenção da distinção (*distinctness*). Temos, portanto, forças contraditórias atuando sobre o sistema linguístico. Condições externas motivam a variável, por um lado, e condições internas formais e internas funcionais, por outro.

Um adequado tratamento da gramaticalização precisa reconhecer que, apesar de trazer influências para um fenômeno positivo e externo ao sistema do discurso dentro da linguagem, uma grande noção de gramaticalização implica que essas influências interagem com outras vindas da língua por si mesma como um sistema gramatical (FURTADO DA CUNHA, 2001).

Desse modo, tomamos como hipótese de trabalho que, na passagem do latim vulgar para o romance e, então, para as línguas latinas, o verbo *quaero* estava sendo usado e se solidificou como verbo volitivo. Pretendemos comprovar em etapas futuras que o sentido de desejo esteve sempre ligado a esse verbo. Por isso, começamos a análise pelo latim clássico, comumente usado para demonstrar a noção volitiva de *uolo*, mas não de *quaero*. Assim, é preciso investigar, como faremos neste trabalho, o comportamento morfossintático e semântico desse verbo em texto representante do latim clássico, não só pela facilidade de acesso a esse tipo de texto, mas também para possibilitar futuras comparações.

¹¹ É a gramaticalização como processo histórico que equilibra as forças da clareza e da economia: via sintaticização a língua perde a transparência da mensagem enquanto ganha velocidade de transformação (GIVÓN, 1979, p. 220).

¹² A competição entre motivações distintas é responsável, em princípio, pelos processos de variação e mudança que ocorrem nas línguas naturais. (FURTADO DA CUNHA, 2001).

2.1. Análise de dados

Partindo da ideia de que a volição já fazia parte da semântica de *quaero*, pretendemos, com base na obra *Ad Atticum*, de Marcus Tulio Cícero, contabilizar as ocorrências de *quaero*, apoiando-nos na tradução de Miguel Rodriguez e Pantoja Márquez, a fim de analisar seu contexto morfossintático no texto latino. Nos próximos trabalhos, pretendemos contrastar as ocorrências e análises de *quaero* com as de *uolo* nessa mesma obra.

Em uma análise quantitativa prévia, contabilizamos 145 ocorrências de *quaero* em *Ad Atticum*, em que defendemos haver volição. Propomos a essas ocorrências três tipos de sentido¹³: mais volitivo; volitivo e uso mais volitivo destacado do restante da frase. Como podemos visualizar na Tabela 1.

Tabela 1 – Contabilidade de ocorrências

Quantidade de ocorrência	145
Mais volitivo	30
Volitivo	74
Mais volitivo destacado do restante da frase	41

No primeiro grupo, denominado “**mais volitivo**”, foram contabilizadas 30 ocorrências. Desse grupo fazem parte ocorrências de *quaero* a que os tradutores atribuíram o sentido de “querer saber”, mas que, conforme verificamos, aceitariam também uma tradução utilizando somente o verbo “querer”. Ao analisarmos o contexto morfossintático dessas ocorrências, nos deparamos com três principais combinações de *quaero*, as quais podemos visualizar nos seguintes exemplos:

Quaero + acusativo:

Texto latino
[...] Tertius est Catulus, quartus, si etiam hoc quaeris, Hortensius. [...] (Capítulo 1, parágrafo 13)
Tradução
O terceiro é Catulo, o quarto, se também o queres, Hortênsio.

Quaero + acusativo + verbo no subjuntivo:

Texto latino
[...] si quaeris quid putem, ego fructum puto. [...] (Capítulo 12, parágrafo 2)
Tradução
Se queres o que penso, eu penso no fruto.

Quaero + ablativo + acusativo + subjuntivo

Texto latino
“Quaeris ex me, quid acciderit de iudicio, quod tam praeter opinionem omnium factum sit, et simul vis scire, quo modo ego minus, quam soleam, proeliatum sim. (Capítulo 1, 1º parágrafo)
Tradução
Queres de mim o que terá acontecido com o julgamento que tão contrariamente a opinião de todos foi feito e, ao mesmo tempo, queres saber de que modo eu estive lutando menos do que costumava.

¹³ Reconhecemos que os sentidos atribuídos a *quaero* na tradução são de escolhas dos tradutores, mérito em que não pretendemos entrar. Esses sentidos encontrados na tradução de apoio serviram apenas como um guia, embora as traduções dos trechos utilizados neste trabalho sejam de nossa responsabilidade.

No segundo grupo, denominado “**volitivo**”, foram contabilizadas 74 ocorrências. Desse grupo fazem parte ocorrências de *quaero* a que os tradutores atribuíram o sentido de “buscar”, “perguntar”, “averiguar” e “informar”, mas que defendemos que poderiam ser traduzidos como “querer saber”, mantendo explícito seu sentido volitivo, embora não de forma tão sintética no português como os integrantes do 1º grupo. O complemento de *quaero* nesses casos pode ser um termo que funciona como seu acusativo ou uma oração que demonstra uma pergunta indireta, reforçada pela presença deste *quaero*. Ao analisarmos o contexto morfossintático dessas ocorrências, nos deparamos com três principais possibilidades de combinação de *quaero*, como podemos visualizar nos exemplos:

Quaero + acusativo:

Texto latino
[...] Genus hoc est voluptatis meae; quae <i>gymnasio de</i> maxime sunt, ea quaero. [...] (Capítulo 1, parágrafo 9)
Tradução
Este é “meu gênero de diversão: as coisas que são, sobretudo, ‘dignas de um ginásio’, essas quero saber.

Quaero + interrogativa indireta:

Texto latino
[...] “Quaeris deinceps, qui nunc sit status rerum et qui meus.” (1 capítulo ; 3º parágrafo)
Tradução
Queres saber, em seguida, qual é agora a situação dos assuntos públicos e qual a minha.

Quaero + ablativo:

Texto latino
Quaeris nunc de Arbuscula; valde placuit. Ludi magnifici et grati; venatio in aliud tempus dilata. (Capítulo 4, 6º parágrafo)
Tradução
Agora queres saber sobre Arbúscula: me agradou muito. Os jogos magníficos e agradáveis; a caçada foi adiada para outra ocasião.

O terceiro grupo é denominado “uso mais volitivo destacado do restante da frase” por comportar ocorrências em que *quaero* funciona como uma pergunta retórica, traduzida na tradução de apoio, na grande maioria das vezes, por “qué quieres que te diga?”. Nesse grupo foram contabilizadas 41 ocorrências. Nessas ocorrências, *quaero* está sempre acompanhado do pronome interrogativo *quid* em nossos dados e parece estar deslocado em relação aos demais itens da oração, representando um questionamento daquele que produz a sentença sobre tudo que está sendo emitido. Esse uso nos parece próximo do que Moura (2009) defende como uma função quase-adverbial para as orações matrizes indicadoras de modalidade epistêmica e de avaliação, um juízo de valor, uma justificativa rompante do falante acerca daquilo que diz através de uma pergunta retórica, não necessariamente vinculada morfossintaticamente ao restante da sentença. Desse uso de *quaero*, temos os seguintes exemplos:

Quaero + quid

Texto latino
[...] “Nihil impetrabat reus, plus accusatori dabatur, quam postulabat; triumphabat (quid quaeris?) Hortensius se vidisse tantum; nemo erat, qui illum reum ac non miliens condemnatum arbitraretur” (Capítulo 1; 2º parágrafo)
Tradução

O réu não obtinha nada, se fosse dado ao acusador mais do que lhe era pedido. (O que queres?) Hortênsio foi muito considerado. Ninguém duvidava que aquele réu estivesse mil vezes condenado.

Quaero + quid

Texto latino
[...] verum praeclare Metellus impedit et impedit. quid quaeris? est consul philopatris et, ut semper iudicavi, natura bonus. (Capítulo 2; 1º parágrafo)
Tradução
Na verdade, é maravilhoso como Metelo dificulta e dificultará. O que queres? É um cônsul patriota e, como sempre julguei, bom por natureza.

A partir da análise das ocorrências em latim, nas quais *quaero* está presente, foi possível perceber combinações recorrentes como “*quaero* + acusativo”; “*quaero* + interrogativa indireta” e “*quaero* + ablativo”. A essas possibilidades de combinações, os tradutores variavam as escolhas dentre a possibilidade oferecida pelo campo semântico do verbo e a depender de suas preferências na tradução. No entanto, ao analisarmos as ocorrências, dois sentidos se mostraram possíveis: o de “querer” e o de “querer saber”, tendo em vista que as escolhas das traduções eram, apenas, variantes desses dois sentidos.

Nesse sentido, acreditamos que o verbo *quaero* na obra *Ad Atticum*, de Cícero, apresenta a volição que defendemos ter latente desde *quaiso*, seu antigo desiderativo. Essa volição, ao que nos parece, foi apenas “camuflada” pelas escolhas da tradução, as quais podem ter sido influenciadas pelas leituras oferecidas pelos dicionários e gramáticas, que não incluem *quaero* como um volitivo no latim.

Conclusões

A partir da busca realizada sobre o verbo latino *quaero*, que originou o verbo “querer” no português e no espanhol, percebemos que pouco foi considerado sobre o sentido de volição nesse verbo, tendo em vista que o seu concorrente era muito utilizado no latim clássico, o *uolo*. Além disso, ao nos depararmos com autores que tratam *quaeso* como um antigo desiderativo de *quaero*, começamos a pensar em uma possível inconsistência em se tratarem um possível único verbo como dois: *quaeso* e *quaero*.

Ao olharmos para o *corpus* selecionado para análise, a obra *Ad Atticum* de Cícero, percebemos que, ainda que escolhas lexicais na tradução possam variar, as ocorrências de *quaero* poderiam ser traduzidas majoritariamente por “querer saber” ou, em alguns contextos, simplesmente por “querer”, demarcando, assim, a expressão da volição por esse verbo no período clássico.

Pretendemos em próximos trabalhos analisar as ocorrências de *uolo* nessa mesma obra, examinando seus contextos morfossintáticos e um possível compartilhamento com contextos de *quaero*, de modo que possamos verificar qual dos dois verbos seria mais frequente no contexto de latim clássico, mais especificamente em Cícero, para, então, comparar estudos semelhantes em outros períodos da língua latina e, assim, poder traçar uma frequência que apontaria para a predominância de um desses verbos com o sentido de volição.

Nesse sentido, acreditamos que este trabalho, aliado a futuras pesquisas, possa contribuir para uma revisão sobre o tratamento e a classificação conferidos ao verbo *quaero*, que resultou no volitivo prototípico tanto do português como do espanhol.

Quaero and the expression of volition

ABSTRACT: Our aim was to research if there might have been uses of *quaero* that would justify the expression of volition by its morphological successor “querer”. To that end, we will analyse morphosyntactically the occurrences of *quaero* in the work of Cicero, *Ad Atticum*, based on functional theory, in order to compare this research to the analysis on *uolo*. We intend, thus, in the following stages, to draw up potential phrasal contexts that might have provided competition between these verbs in the expression of volition and the extinction of *uolo*, in the passage from Latin to Portuguese and to Spanish.

Keywords: morphosyntax; Cicero; verbs.

Referências

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. Gramática Latina .30. ed. São Paulo: Saraiva, 2011.

ANGUITA JAÉN, José María. “La desaparición de *uolo-uelle* ‘querer’ y su sustitución por *quaero-quaerere* ‘buscar’ en gallego, portugués y castellano”. *VERBA* 2010, v. 37, p. 331-344.

ANGUITA JAÉN, José María. “Acercamiento etimológico al cast. (gall.-port.) *buscar*: lat. *poscere*.”. Cuadernos de Filología Clásica. Estudios Latinos. 2007, 27, núm. 2. Pp. 197-216.

CÍCERO, M. T. *Ad Atticum*. Disponível em: <http://www.thelatinlibrary.com>.

CICERÓN. MÁRQUEZ, Pantoja; RODRÍGUEZ, Miguel. Cartas. I: Cartas a Ático (cartas 1-161). II: Cartas a Ático (Cartas 162-426). Introducción, traducción y notas. Editorial Gredos, S. A. Sánchez Pacheco, 81, Madrid, 1996.

DELÉANI, Simone; VERMANDER, Jean Marie. *Initiation a la langue latine et a son systeme*. Manuel pour grands débutants I.

DIAS, Nilza Barrozo. *Gramaticalização de Orações Matrizes*. In: SEMINÁRIO DO GEL, 58., 2010, Programação. São Carlos (SP): GEL, 2010. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/>>. Acesso em: 14.02.2014.

ERNOUT, A.; MEILLET, Antoine. *Dictionnaire étymologique de la langue latine: histoire de mots*. Paris: Klincksieck, 1951.

FARIA, Ernesto. *Gramática Superior da Língua Latina*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.

FURTADO DA CUNHA, M. A. O modelo das motivações competidoras no domínio funcional da negação. In: *Revista Delta*. São Paulo, v.17, n.1, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php>> Acesso em 10 de agosto de 2010.

GABELENTZ, G. von der. *Die Sprachwissenschaft. Ihre Aufgaben, Methoden, und bisherigen Ergebnisse*. Leipzig: Weigel, 1891.

HELENA. SECO, Elena Pingarrón. *Etimología de QUERER*. Disponível em: <<http://etimologias.dechile.net/?querer>>.

HENDERSON, J. *Pliny's Letters: A Portrait of the Artist as a Figure of Style*, Omnibus 4: 31–2, 1982.

HOPPER, P. J. & E. C. TRAUGOTT. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

MOURA, M.Z. *Orações Matrizas [VERBO SER + PREDICATIVO]: predicados que expressam atitude do falante*. Dissertação de mestrado. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2009. 148f.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário Etimológico Resumido*. Instituto Nacional do Livro. Ministério da Educação e Cultura. 1966.

NEVES, Gonçalo. *A história do verbo querer*. Disponível em: <https://ciberduvidas.iscte.iul.pt/consultorio/perguntas/a-historia-do-verbo-querer/33157>. Acesso em: 10 jan. 2016.

RUBIO FERNÁNDEZ, Lisardo et al. *Nueva Gramática Latina*. Madrid: Editorial Coloquio, 1985.

SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português*. 12a ed. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2006.

VASCONCELLOS, P. S. *Sintaxe do período subordinado latino*. São Paulo: Fap-Unifesp, 2013.

Data de envio: 23-10-2016

Data de aprovação: 24-02-2017

Data de publicação: 17-03-2017